

A ELECTROGRAFIA

Na cena artística portuguesa, os preconceitos contra a electrografia ainda não foram totalmente ultrapassados.

Isto deve-se em parte ao facto desta forma de arte tecnológica ser pouco conhecida e divulgada no nosso país.

Além disso a electrografia é ainda um pouco suspeita aos olhos duma parte da crítica por causa do seu carácter mecânico e da sua suposta facilidade.

Fenómeno idêntico passou-se aliás com a fotografia.

Como a fotografia, a electrografia não é só um processo de registo, ela tem possibilidades criativas que ultrapassam os limites do programável das suas funções reprodutivas.

As máquinas não são instrumentos inertes, passivos, mas antes o prolongamento da inteligência e da criatividade do homem.

Qualquer juízo crítico deveria por isso reportar-se, antes do mais, ao valor intrínseco da obra enquanto resultado de um processo criativo e não só sobre o média utilizado.

É claro, que pensamos também que as características do média utilizado produzem as suas marcas na nova linguagem que se vai formando.

A electrografia pertence à família dos sistemas de fotocópia e consiste sumariamente em desviar a máquina da sua função primeira com o objectivo de criar obras de arte.

Além do registo directo de imagens e objectos através do vidro de exposição há todo um conjunto de operações que permitem manipular a imagem com o fim de obter resultados expressivos e comunicativos.

Degradações, deformações, distorsões, estiramentos, compressões, justaposições, decomposições, etc., fazem parte de um léxico que continua a expandir-se à medida que novas descobertas vão surgindo no campo do experimentalismo.

Desde o princípio dos anos sessenta que artistas americanos utilizam a fotocopiadora desviando-a da sua função primeira para criar obras de arte. E, na Europa, a partir de 70, muitos artistas têm utilizado este processo na criação plástica ou poética ou como registo de eventos e performances.

Desde então o movimento Mail Art (Arte Correio) tem contribuído para o desenvolvimento e divulgação da electrografia dadas as suas características apropriadas ao envio postal e pelos custos reduzidos da sua produção.

Sonia Landy Sheridan na América e Bruno Munari na Europa, entre outros, foram pioneiros que contribuíram para a sua divulgação através de exposições, artigos, conferências e programas escolares. A apropriação da electrografia por nomes consagrados da Pop Art como Andy Warhol e Rosenberg veio pôr em destaque as potencialidades criativas deste novo média que passa pelo simples gesto de carregar num botão mas não se fica apenas por aí.

António Vello